

A vibrant, painterly illustration of a whale breaching the ocean. The whale is depicted in shades of blue and black, with its white underbelly visible. The sky is a mix of bright yellow, orange, and blue, suggesting a sunset or sunrise. Three birds are flying in the sky. The overall style is expressive and textured, with visible brushstrokes.

Adaptação

MONTEIRO LOBATO

Edição revista e atualizada

MOBY DICK

HERMAN MELVILLE

Veríssimo

HERMAN MELVILLE

MOBY DICK

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO:

Monteiro Lobato e Adalberto Rochsteiner

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

Veríssimo





Meu nome é Ismael. Anos atrás, não importa quando, me vendo com pouco, para não dizer nenhum, dinheiro no bolso, e não tendo algo que me prendesse em terra firme, achei que devia velejar. É um velho hábito meu para espantar tristezas e cuidar da circulação do sangue. Sempre que começo a me sentir irritado, com a alma triste como um dia de inverno, a me deter sem querer na frente de funerárias ou a seguir na rua os enterros que encontro, me lanço ao mar.

Mas não imaginem que faço isso como um passageiro – para viajar assim é necessário ter a bolsa cheia, e não um trapo sem nada dentro, como estava a minha. Acontece que, além disso, os passageiros enjoam, acabam sendo desagradáveis uns com os outros, dormem mal à noite e ficam entediados. Por essas razões, nunca viajo como passageiro. Nem mesmo como comandante ou cozinheiro. Que essas glórias fiquem com os que as ambicionam.

Viajo como simples marujo, trabalhando no convés, subindo nos mastros e vivendo no castelo de proa. Uma vida excelente. É verdade que não faltam, a nós, marinheiros, ordens a cumprir, o que nos obriga a pular de uma coisa para outra, como um gafanhoto na grama. No começo, esses serviços nos parecem bem desagradáveis, principalmente quando pertencemos a uma boa família e podemos desfrutar da distinção de termos sido professores num colégio de renome, onde éramos respeitados por todos. Posso assegurar que a transição de professor para marinheiro é uma das mais estranhas que existem. Mas o tempo recupera tudo.

Outra razão para embarcar na ocupação de marinheiro reside no fato de que me pagam pelo trabalho – e não me consta que paguem um só tostão aos que embarcam como passageiros. Esses é que pagam, coisa muito menos agradável do que ser pago.

Há ainda outras vantagens, como o ar puro que se respira no castelo de proa. Quanto isso não vale? Pois bem, embarquei do jeito de sempre. Mas variando. Meus contatos anteriores com o mar tinham sido em navios mercantes; dessa vez, decidi embarcar em um de pesca de baleias. Quem quiser descobrir

o motivo dessa decisão, consulte o destino. Ele dirá que estava escrito que, em certo momento da vida, eu embarcaria num navio baleeiro – e talvez isso explique os motivos desta minha escrita.

Embora eu não possa entender os motivos pelos quais o destino me impôs um simples papel numa jornada de pesca, enquanto atribuía a outras partes magníficas em grandes tragédias, ou partes agradáveis em excelentes comédias, devo relembrar algumas circunstâncias que talvez desvendem essa questão.

Entre elas se destaca a minha atração pela baleia. Esse maravilhoso e misterioso monstro marinho sempre aguçou minha curiosidade. O mesmo encanto se dava com os mares onde elas flutuam, com as paisagens costeiras, novas para mim – as paisagens maravilhosas da Patagônia. Para outros, esses elementos talvez não sejam atrativos; para mim, sim. Amo o distante, o desértico, o ignorado. Adoro navegar em mares perigosos, desembarcar em praias selvagens.

Levado por todos esses desejos incertos, uma jornada de pesca aos mares do Sul me encheu os olhos. Visões de um mundo de maravilhas que tontearam a minha imaginação – e, assim, decidi partir.



Coloquei duas camisas num saco de viagem, segui para Cabo Horn e, em dezembro, num sábado à noite, cheguei a New Bedford. Fiquei desapontado por não encontrar nenhum navio rumo à ilha de Nantucket, já que eu tinha que alcançar essa cidade antes da próxima segunda-feira. Como ia fazer?

Apesar de muitos candidatos aos trabalhos e sofrimentos que fazem parte da pesca à baleia tomarem New Bedford como um ponto de embarque, eu não tinha intenção de fazer o mesmo. Insistia em ir para Nantucket, arrastado pela beleza e exuberância que há em tudo que se relaciona com essa ilha. New Bedford vem de tempos para cá monopolizando a indústria da baleia, mas foi em Nantucket que ela teve início; lá encalhou o primeiro cetáceo caçado pelos americanos. De lá, partiam em canoas os pescadores aborígenes, os

peles-vermelhas, para caçar baleias. De lá, saiu uma pequena embarcação carregada de pedras importadas – assim diz a lenda –, pedras que eram lançadas contra as baleias para verificar se estavam ao alcance do arpão.

Em New Bedford, fiquei um dia e duas noites esperando. Tratei, portanto, de comer e dormir. Noite escura e gelada. Conhecido ou amigo, nenhum. Procurei nos bolsos, encontrei minhas últimas moedas de prata e, parando aqui e ali na rua, de sacola nas costas, incerto quanto à escuridão que via ao norte e às trevas que via ao sul, disse para mim mesmo: *Ismael, onde quer que fique esta noite, nada de entrar antes de saber o preço.*

Meio às cegas, subi a rua sem saber para onde ir, até dar de cara com uma placa. Li: *Arpões Cruzados*. Mas parecia algo caro demais para mim. Logo adiante, outra: *Albergue do Peixe-Espada*. Desse lugar, saía uma luz tão forte que parecia derreter a neve da rua. Era difícil caminhar por uma camada de dois palmos de neve endurecida, devido à extrema sensibilidade das solas dos meus sapatos. *Caro e alegre demais para mim*, pensei comigo, parando por um instante para ouvir o som de copos no interior. *Caminha, Ismael; está atrapalhando a passagem dos fregueses do lugar*, e segui pela rua que levava ao porto, certo de que lá encontraria um lugar adequado para as minhas condições.

Que lugar horrível! Trevas por todos os lados, com piques de luz embaçada. Parecia um cemitério. Depois de muito andar, fui até uma das luzes, longe do cais. Algo fez um barulho sobre minha cabeça. Ergui os olhos. Era a placa de uma hospedaria – *O Borrifo da Baleia*, de Peter Coffin.

Coffin (caixão)? Baleia? Achei sinistra aquela associação, mas me lembrei de que esse nome (“Coffin”) é comum em Nantucket. Com certeza, aquele Peter imigrara de lá. O aspecto miserável da hospedaria me deixou feliz. Aquilo me servia, não restava a menor dúvida.



A sala da hospedaria, de teto baixo, lembrava a de um navio. Pendurado na parede, havia um quadro a óleo tão esfumado e mal-iluminado que, só depois de uma longa observação, pude distinguir o que representava. Era um veleiro do Cabo Horn sendo arrastado pelo furacão; e eu só conseguia ver três mastros tombados sobre os quais se lançava uma baleia enfurecida.

Na parede do lado oposto, vi certa quantidade de lanças. Havia uma arma em forma de foice, com o cabo comprido. Todas tinham a sua história. Com uma daquelas lanças, Nathan Swain capturara, cinquenta anos atrás, quinze baleias num só dia.

Por meio dessa sala, entrei para o salão geral por uma passagem. O lugar tinha o teto tão baixo, e de madeira tão gasta, que me lembrou uma velha ponte abandonada. À esquerda, vi um bar. Prateleiras cheias de garrafas e vasilhas. Um balcão e, atrás dele, Jonas – um velho alto e magro –, vendia bebidas aos marinheiros.

Um grupo de marujos ao redor de uma mesa examinava pequenas obras de entalhe em ossos e outros materiais, feitas pelos marinheiros. Procurei o dono do local, a quem pedi um quarto; ele me respondeu que estava com a estalagem cheia. Depois, vendo minha cara infeliz, teve uma ideia.

— Espere. O amigo não se incomoda de compartilhar um quarto com um arpoador? Parece que você está indo até as baleias. Seria até bom que treinasse com essa companhia.

Respondi que jamais iria dividir quarto com outra pessoa; mas disse que, se de fato não existisse outro meio de me acomodar ali, e se o aspecto do tal arpoador não me horripilasse, talvez eu aceitasse.

O dono da estalagem pediu então que eu me sentasse para a ceia. Me sentei num banco velho de madeira. No fundo, um marujo mascava sem parar e riscava a madeira com sua navalha, na tentativa de pôr ali, como uma marca da sua passagem, o desenho de um navio de velas cheias.

Logo fomos chamados para a ceia numa sala ao lado. Fazia frio como no Polo Norte. Não havia lareira, e o dono da estalagem declarou que não podia nos proporcionar tal luxo. A iluminação: duas velas com refletores. Felizmente, a comida era boa – carne, batata e bolos de massa. Bolos de massa na janta! Um dos fregueses, com um casaco verde, se atirou na comida.

— Assim vai ter pesadelo esta noite — advertiu o dono da estalagem.

— Esse é o arpoador? — perguntei.

— Oh, não — respondeu o homenzinho, com um ar malicioso. — O arpoador é um estranho que nunca comeu bolos. Só come carne, e quase crua.

— Ele está aqui na sala?

— Não. Mas não deve demorar.

Eu começava, não sei por que motivo, a desconfiar desse arpoador, pensando que teríamos que dividir a mesma cama.

Finalizada a ceia, todos se levantaram e voltaram ao salão. Fui também. De repente, escutei uma grande barulheira na rua. O dono da estalagem se levantou.

— É o pessoal da Grampus — murmurou. — Tive notícia de que iam chegar hoje, depois de uma viagem de três anos. Vamos ter novidades de Feegees.

Uma multidão de marinheiros; a porta foi escancarada. Envoltos em peludos capotes de serviço, os gorros de lã enterrados nas cabeças, sujos e esfarrapados, com as barbas cheias de neve, pareciam ursos. Acabavam de desembarcar, sendo aquela a primeira casa em que entravam depois de muito tempo. Jonas foi servir bebidas quentes a eles. Um se queixou de resfriado, e Jonas preparou para ele uma mistura de gim e melaço, garantindo que era um bom remédio para qualquer espécie de catarro.

A bebida não demorou a subir-lhes à cabeça e, minutos depois, estavam todos dançando e cantando, na maior festa. Um deles, entretanto, estava pensativo, embora não deixasse de ver com maus olhos a farra dos companheiros. Quando o tumulto chegou ao auge, ele se retirou dali e nunca mais o vi, senão no mar, tempos depois. A sua ausência foi logo notada e, pelos modos, me pareceu influente na roda.

— Bulkington! Bulkington! Onde está Bulkington? — gritaram os marinheiros, e saíram à sua procura.

Eram nove e meia, e o salão estava calmo. Fiquei refletindo sobre um plano que me viera à cabeça pouco antes da invasão dos marinheiros.

Nenhum homem gosta de dividir a mesma cama com outro, nem que seja um irmão. Mas, quando o caso é dormir numa cidade desconhecida, numa estalagem desconhecidíssima, e com um arpoador, misterioso e desconhecido, a

coisa se torna pior ainda. Estava ficando tarde e era provável que o homem já estivesse a caminho. Mas e se não viesse? Ou se aparecesse à meia-noite?

— Chefe — disse ao dono da estalagem —, mudei de ideia. Não quero mais dividir o quarto. Prefiro ficar neste banco.

— Como quiser, só não vou poder te dar uma coberta.

Medi com os olhos o comprimento do banco. Era dois palmos mais curto que eu e um palmo menos largo. Voltei o olhar para o outro banco da sala, com a ideia de juntar os dois. Impossível. Dez centímetros mais alto. Encostei então o banco na parede, deixando um vão que compensasse o meu excesso de largura e, enquanto estava me acomodando nele, senti um frio vindo das portas malfechadas. Comecei a perceber a minha verdadeira situação. Era um absurdo passar a noite ali. O tal arpoador, afinal de contas, podia não ser o que eu pensava. Melhor esperar que aparecesse. Quem sabe não fosse um bom sujeito?

Os fregueses começaram a aparecer e, mal entravam, dirigiam-se para suas camas. Só não vinha o homem que eu estava esperando.

— Chefe — perguntei ao dono, assim que ele reapareceu —, como é o arpoador? Ele costuma dormir tarde assim?

O homenzinho sorriu com a mesma malícia da primeira vez, como se estivesse se divertindo demais com algo que ia além da minha compreensão.

— Não — respondeu. — Geralmente dorme e levanta cedo. Esta noite está demorando mais do que de costume; com certeza, ainda não conseguiu vender nenhuma cabeça.

— Vender nenhuma cabeça?! — repeti, surpreso. — Mas o que é isso que está me dizendo?

— É isso mesmo. Não vendeu a cabeça. Eu bem que avisei. Disse a ele que era inútil tentar, porque o mercado estava saturado.

— Saturado de quê, homem?

— De cabeças, é claro. Não acha que há cabeças de mais no mundo?

— Escute aqui, meu amigo. Acho bom parar com essa piada.

— Estou velho — respondeu o homem, arrancando da mesa uma farpa de madeira para usar como palito. — Mas, cuidado. Olha que leva uma surra do arpoador se falar assim das cabeças dele.

Aquilo começava a me confundir.

— Quebro a cabeça dele, isso sim — gritei, irritado. — Ele que venha com valentias, que lhe quebro a cabeça, juro.

— Já está quebrada — replicou pacientemente o homenzinho.

— Quê? Quebrada?

— Isso mesmo, e talvez por estar quebrada é que não consegue vendê-la. Me levantei e fui em direção ao dono da estalagem.

— Deixa de piada — exigi, com firmeza. — Precisamos nos entender. Vim à sua estalagem, e o senhor concordou em me dar metade de uma cama, ficando na outra metade um arpoador. A respeito desse homem, que ainda não vi, o senhor insiste em dizer coisas sem pé nem cabeça, me fazendo pensar coisas ruins da personalidade dele. Chega de mentiras. Quero que me explique o caso com detalhes e a sério. Vamos.

— Bem — respondeu o dono da estalagem —, para um homem de poucas palavras, o amigo acaba de produzir um verdadeiro sermão. Fique sossegado. Esse arpoador acaba de chegar da Nova Zelândia, de onde trouxe uma variedade de cabeças humanas embalsamadas ou mumificadas, algo muito curioso. Negociou quase todas. Tem uma que ele insiste em vender hoje, visto que amanhã é domingo e não fica bem comercializar cabeças de múmias no dia do Senhor. Já no domingo passado, eu o impedi de fazer isso, quando o vi sair com um monte de cabeças na corda, como uma réstia de cebolões.

Essas palavras desfizeram o mistério e a minha suspeita de que o dono da estalagem estivesse caçoando de mim; mas, em compensação, que juízo eu poderia fazer de um arpoador ocupado em um comércio tão estranho?

— Esse homem não é perigoso? — perguntei.

— Ele me paga com regularidade, é o que sei dele. Mas venha. Vou conduzi-lo ao quarto. Já está ficando muito tarde, e eu também quero dormir.

Levantou-se, de vela na mão. Não esperei mais. Resolvi aceitar a sua proposta e, depois de subir a escada, entrei em um quartinho frio como uma caverna de gelo, com uma cama larga onde caberiam quatro arpoadores dos mais valentes.

— Aqui está a cama — disse ele, colocando a vela sobre mesa. — Acomode-se e tenha uma boa noite.

Disse e se retirou. Fiquei observando o quarto. Havia uma prateleira tosca com anzóis de formatos estranhos e, encostado à cama, um arpão. Na parede, a pintura de um homem atacando uma baleia. Além disso, em um canto, vi uma rede amontoada e um saco de roupas.

Me sentei à beira da cama, pensando no arpoador que vendia cabeças humanas. Depois de refletir alguns minutos, tirei o capuz. Pensei mais um pouco e tirei o casaco. Fiquei só com uma camisa de manga curta e comecé a tremer — mas sempre com esperança de que o homem não viesse naquela noite.

Por fim, tirei as calças, as botas e me deitei, depois de um sopro na vela. Me entreguei ao destino.

O colchão parecia cheio de sabugos de milho ou cacos de telha; fiquei me revirando, sem conseguir pegar no sono. Por fim, uma sonolência começou a me enfraquecer e, quando estava quase adormecendo, ouvi passos e vi uma luz no corredor.

Valha-me, Deus!, exclamei comigo. *Deve ser o maldito vendedor de cabeças.* Mas fiquei imóvel, resolvido a não pronunciar nenhuma palavra antes que ele falasse. O homem entrou. Trazia numa das mãos a vela e, na outra, uma cabeça mumificada. Não olhou para a cama. Foi até um saco e começou a desamarrá-lo. Eu não podia ver sua cara, pois tinha as costas voltadas para mim. Mexeu com o saco por um tempo; depois se levantou e se virou para o meu lado. Deus do céu, o que vi! Um rosto marcado aqui e ali por quadrados escuros. Exatamente o que eu tanto temera: um homem misterioso e perigoso. Aquilo parecia o resultado de uma tremenda briga. Mas, ao pegar a vela, pude vê-lo melhor. Não eram cicatrizes ou pontos falsos o que tinha na cara. Lembrei-me então da história de um pescador de baleias que ficara prisioneiro numa ilha selvagem onde fora tatuado no rosto. Devia ser tatuagem. Mas quem vê cara não vê coração. Podia ter a cara feia e ser um homem bom.

O arpoador, que não havia notado minha presença, voltara ao saco. Reabriu-o e retirou lá de dentro um *tomahawk* (cachimbo em forma de machado) e uma bolsa de couro de foca, ainda com pelo. Colocou esses objetos sobre a arca e enfiou a cabeça da múmia no saco. Depois se levantou e tirou o chapéu. Quase dei um grito. Não tinha nenhum cabelo, apenas uma mecha que lhe caía sobre a testa. Era uma caveira tão horrível que, se ele não estivesse entre mim e a porta, eu correria para fora dali. Cheguei a pensar na janela, por onde era impossível a fuga, visto que estávamos no segundo andar. Não sou covarde; mas o que poderia acontecer com aquele espantoso monstro de cabeça raspada?

O homem começou a tirar a camisa. Vi que tinha o peito e as costas recobertas dos mesmos quadrados escuros. Dirigiu-se para o grosso casaco pendurado numa cadeira e remexeu num dos bolsos, de onde tirou uma pequena estátua de ídolo africano. Colocou o ídolo sobre a borda da velha chaminé na parede.

Fiquei atento ao que viria em seguida. Voltou ao casaco e tirou do bolso um punhado de gravetos e um pedaço de bolacha de queimar; amontoou os gravetos diante do ídolo, com a bolacha por cima – e colocou fogo. Logo que viu a bolacha tostada, retirou-a e aproximou-a da boca do ídolo. Tudo era acompanhado de sons graves – uma espécie de reza. Finalmente, apagou o fogo e recolocou o ídolo no bolso do casaco. Fiquei ali parado, sem saber o que fazer.

O homem pegou o *tomahawk*, acendeu-o e começou a fumar. Depois, apagou a vela e foi para a cama. Não resisti mais; gritei — e ele, assustado, começou a me apalpar. Comecei a gritar o mais alto que pude e me afastei o mais depressa possível, fugindo de seu contato, pedindo para que não me fizesse mal e acendesse de novo a vela.

— Quem é você? — indagou ele e, pelo seu modo de falar, percebi que não poderia ter compreendido nada do que eu dissera. — Se não disser quem é, eu o mato — ameaçou, soltando a fumaça do cachimbo no ar.

— Peter Coffin! — gritei, no auge do pavor. — Me ajude, Peter Coffin! Pelo amor de Deus, me salve!

— Fale! — dizia o homem enorme, na sua língua. — Fale, senão eu o mato! — E, com os movimentos agitados que fazia, espalhou sobre mim a cinza quente do *tomahawk*. Por felicidade, o dono da estalagem apareceu nesse momento, de lamparina na mão. Pulei da cama e me escondi atrás dele.

— Não tenha medo, moço. Aqui o nosso Queequeg não faz mal a uma mosca. Fique em paz. Volte para a cama. Escute aqui, Queequeg, este homem é meu amigo, sabe? Ele vai dormir aqui.

Queequeg grunhiu um som de aceitação e, sempre a cachimbar, sentou-se na cama.

— Venha — disse, dirigindo-se a mim em tom acolhedor e apontando para o leito.

Examinei-o de relance. Apesar da sua tatuagem, parecia um homem decente. Por que eu havia feito tamanho barulho? Via agora que era tudo diferente.

— Coffin, peça para que ele largue esse *tomahawk*, que me deitarei ao seu lado. Esse cachimbo me aterroriza.

O dono da estalagem explicou, e o homem não se opôs a largar o *tomahawk*. Em seguida, deitou-se à beira da cama e me deixou com dois terços livres.

— Boa noite, senhor Coffin — disse eu ao dono da estalagem. — Está tudo bem agora. Pode dormir, que vamos fazer o mesmo.

Coffin se retirou, e dormi o melhor e mais merecido sono da minha vida.



Despertando no dia seguinte pela madrugada, o braço de Queequeg estava sobre mim; tentei acordá-lo, chamei-o, a resposta foi um ronco. Fiz um movimento para sair dali e senti que algo me arranhava. Era o *tomahawk* que repousava ao seu lado na cama como se fosse um filhote. *Bela situação!*, pensei comigo. Ismael dormindo em uma cama estranha com um arpoador e o seu *tomahawk*!

— Queequeg, acorde! — berrei.

Ouvi um grunhido; ele retirou seu braço de cima de mim e, em seguida, se sacudiu como um cachorro que sai d'água; sentou-se na cama, imóvel como um cabo de lança, e me olhou com olhos de quem absolutamente não podia explicar a minha presença ali. Continuei deitado e olhando para ele, sem medo nenhum, apenas curioso com tão estranho personagem.

Por fim, recordou-se da cena da véspera, saltou da cama e me deu a entender que se vestiria primeiro, deixando em seguida o quarto para que eu ficasse à vontade. Era um gesto de pessoa delicada; e depois confirmei que ele possuía um sentimento inato de delicadeza, era naturalmente polido. Começou a se vestir pelo alto; pôs primeiro o chapéu de castor e, depois, ainda sem calças, foi procurar as botas debaixo da cama. Lá fez esforços, ofegou com violência e, quando saiu, vinha calçado e com o amarrotado chapéu enterrado na cabeça. Andou pelo quarto como se as botas de couro cru e molhadas da véspera o estivessem incomodando.

Enfiou as calças e começou a se lavar. Qualquer pessoa teria se limitado a lavar o rosto naquela manhã; Queequeg fez mais: lavou o peito, os braços e as mãos. Vestiu a seguir o colete e ensabou o rosto. Ia se barbear. Mas não encontrou nenhuma navalha. Dirigiu-se ao arpão e, destacando o ferro, repassou o corte no couro da bota e foi se barbear diante do espelho. Se por esse tempo eu soubesse do magnífico aço com que são feitos os arpões, não me admiraria do lance.

O resto da toailete foi rápido. Enfiou o casaco e o capote e saiu majestosa-mente, erguendo o arpão como se fosse um bastão de marechal.

Segui seu exemplo e desci, bastante satisfeito. No bar, encontrei o dono da estalagem risonho como na véspera. Embora não houvesse sido muito correto comigo na noite anterior, não guardei nenhum ressentimento em relação a ele.

Vi no bar muitas caras novas. Pescadores de baleia quase todos; mestres, contramestres, carpinteiros, canoeiros e ferreiros navais, arpoadores e marujos; gente morena de sol, musculosa, fortemente barbada, de cabelos despenteados e envolta nos capotes grossos como se fossem roupões.

— O rango está pronto! — gritou em certo momento o dono da casa, e todos foram direto para o refeitório.

Me sentei à mesa, ansiosíssimo para ouvir histórias de baleias, mas fiquei decepcionado com o silêncio geral. Ninguém falava, todos pareciam acanhados. Sim, senhor! Aquela alcateia de lobos do mar, em que muitos haviam se atracado com baleias monstruosas e dado cabo delas com enorme coragem, aqueles homens da mesma profissão, de gostos semelhantes e de vida idêntica, se reuniam numa mesa para o almoço com o mesmo acanhamento de tímidos pastores de ovelhas!

Quanto a Queequeg, que se sentara à ponta da mesa, mostrava-se frio como um *iceberg*. Não largava o arpão, que lhe servia de faca e garfo. Com ele, fisgava bifés por cima das cabeças dos companheiros, lá da ponta da mesa, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Não vou falar aqui de todas as bizarrices de Queequeg nem dizer como desprezava o café e o pão para degustar, exclusivamente, os bifés, que só comia sangrentos. Basta dizer que, terminado o almoço, se retirou com os demais para o bar, onde permaneceu de chapéu na cabeça, fumando o seu interminável *tomahawk*. Quando saí para dar uma volta pela cidade, ainda lá o deixei, imóvel como se fosse uma estátua.